

INSTRUMENTO COMPLEMENTAR – INTRODUÇÃO

(Angelino Bozzini)

Fonte -- *Notícias em Pianoforte*, São Paulo: Pianufatura Paulista S/A.

Até que ponto é importante estudar outro instrumento

Texto de J. Angelino Bozzini

Como instrumentistas, é certo que devemos nos dedicar à técnica de execução instrumental e à linguagem musical com a qual trabalhamos (clássico, jazz, popular, folclórico). Por outro lado, também é importantíssimo termos conhecimento da Linguagem da Música como um todo. Em outras palavras, sermos "músicos políglotas".

Pense bem. É o seu instrumento que determina como você encara a Linguagem da Música. Um instrumentista de metal a vivencia a partir de dentro de seu próprio corpo: o ar é impulsionado pelo diafragma, e a música brota do âmago. Já para um violonista, cada nota nasce de suas mãos - a música é "manufaturada".

Se por um lado isso é positivo, no sentido de que as diferentes "personalidades" ou "línguas" dão um interessante colorido à expressão musical, por outro também há um aspecto muito negativo: a visão dos músicos torna-se limitada, quase como a de um operário numa linha de montagem, se formos exagerar. Para ampliar suas possibilidades de expressão, o estudo de um outro instrumento surge como atividade fascinante e necessária.

Piano

Aqueles que tocam "instrumentos de melodia" geralmente têm entre suas maiores deficiências a falta de vivência prática da harmonia. Acostumados a enxergar a música através da ótica horizontal da melodia, onde os sons se sucedem uns aos outros, fica difícil encarar as relações verticais existentes entre os sons simultâneos. Muitos maestros, por exemplo, "sofrem" para conseguir que seus músicos tenham consciência do significado resultante do encontro das notas de cada melodia, a cada instante.

Dentre todos os instrumentos capazes de produzir mais de uma nota simultaneamente, o piano mostra-se como um dos mais eficazes, seja por sua extensão, disposição física das notas ou até por suas possibilidades expressivas. Ao contrário do violão, por exemplo, as notas são linearmente distribuídas, facilitando a visualização de como os acordes se compõem.

Outra vantagem pedagógica é o exercício de poliritmia. Ao tocarmos um instrumento melódico, estamos realizando somente uma linha rítmica de cada vez. No piano, podemos realizar

duas ou mais linhas simultaneamente, num treinamento fundamental para o nosso desenvolvimento. A prática demonstra isso. Músicos que tiveram a oportunidade de ter contato com instrumentos diversos do seu, conseguem integrar-se muito mais facilmente num conjunto, além de obterem desempenho artístico de maior qualidade.

É uma consequência lógica. O estudo de um instrumento complementar faz com que músculos e habilidades pouco requisitados em seu instrumento principal sejam desenvolvidos, como novas tessituras, timbres, dinâmicas, novas articulações e movimentos, que passam naturalmente a fazer parte de seu repertório.

Fidelidade

E se, depois do início desse "namoro", surgir aquele sentimento de consciência pesada: "estou abandonando meu instrumento principal...". Certamente, o novo sempre será, enquanto novo, mais interessante e atraente. Muitos, como na vida, descobrem uma afinidade maior com o instrumento complementar, acabando por transformá-lo no principal (leia entrevista com Márcio Montarroyos, na última página).

Porém, esse "perigo" não deve afastá-lo do estudo. De uma forma ou de outra, essa experiência irá ampliar suas habilidades psicofísicas, fazendo com que sua relação com o instrumento principal ganhe em qualidade e expressividade. Então, que tal começar?

O PIANO – História e princípios de técnica

Um piano é um instrumento musical de corda percutida. Também é definido modernamente como instrumento de percussão porque o som é produzido quando os batentes, cobertos por um material macio e designados martelos, e sendo ativados através de um teclado, tocam nas cordas esticadas e presas numa estrutura rígida de madeira ou metal. As cordas vibram e produzem o som. Como instrumento de cordas percutidas por mecanismo ativado por um teclado, o piano é semelhante ao clavicórdio e ao cravo. Os três instrumentos diferem no entanto no mecanismo de produção de som. Num cravo as cordas são beliscadas. Num clavicórdio as cordas são batidas por martelos que permanecem em contacto com a corda. No piano o martelo ressalta de imediato após tocar nas cordas e deixa a corda vibrar livremente.

O piano é amplamente utilizado na música ocidental, no jazz, para a performance solo e para acompanhamento. É também muito popular como um auxílio para compor. Embora não seja portátil e tenha um preço caro, o piano é um instrumento versátil, uma das características que o tornou um dos instrumentos musicais mais conhecidos pelo mundo.

HISTÓRIA



Piano de cauda Yamaha

O pianoforte é uma invenção do italiano Bartolomeo CRISTOFORI, de Florença. Sabe-se que inventou um cravo que tocava suavemente (it. piano) e fortemente por volta de 1698. Os pianos mais antigos que ainda existem datam da década de 1720. A invenção do piano beneficiou-se de muitos anos da existência do cravo, para o qual se conhecia bem a acústica e os materiais. O próprio Cristofori era fabricante de cravos.

O grande êxito de Cristofori foi ter conseguido resolver, pela primeira vez, o problema mecânico fundamental do piano: os martelos devem tocar nas cordas mas retirar-se imediatamente (senão o som seria abafado), sem balançar e possibilitando repetições rápidas de pressão sobre a mesma tecla.

Gottfried SILBERMANN inventou o precursor do pedal de sustentação moderno que ergue todos os abafadores imediatamente dos fios.

No período que dura de aproximadamente 1790 a 1860, o piano da era de Mozart sofreu profundas mudanças que conduziram à forma moderna do instrumento. Esta revolução respondia a uma preferência dos compositores e pianistas a um som de piano mais poderoso, sustentado, e se tornou possível graças à Revolução Industrial, que introduziu recursos tecnológicos como aço de alta qualidade para cordas, e precisão para a produção de armações de ferro. Com o passar do tempo, a gama tonal do piano também foi aumentada das cinco oitavas dos dias de Mozart a 7 oitavas ou mais, nos pianos modernos.

Em 1821, Sébastien ÉRARD inventou a ação de escape duplo, que permitiu repetir uma nota mesmo se o martelo não estivesse na posição vertical. Isto facilitou a execução rápida de notas repetidas – recurso usado nas composições de LISZT. A ação de escape duplo está atualmente incorporada em todos os pianos produzidos hoje em dia.

não soarão livremente, interrompendo-se assim que o pianista soltar as teclas. Isso possibilita sustentar algumas notas enquanto as mãos do pianista se encontram livres para tocar outras notas, o que é muito útil ao realizar, por exemplo, passagens em baixo contínuo. O pedal sostenuto foi o último a ser incrementado ao piano. Atualmente, quase todos os pianos de cauda possuem esse tipo de pedal, enquanto entre pianos verticais ainda há muitos que não o apresentam. Muitas peças do século XX requerem o uso desse pedal. Um exemplo é "*Catalogue d'Oiseaux*", de Olivier MESSIAEN.

Em muitos pianos verticais, nos quais o pedal central de *sostenuto* foi abolido, há no lugar do pedal central um mecanismo de **surdina**, que serve apenas para abafar o som do instrumento para estudos sem muito volume de som. Ele funciona inserido um veludo ente os martelos e as cordas, quando acionado.

PRINCÍPIOS DE TÉCNICA PIANÍSTICA - OBSERVAÇÕES

- Sentar-se corretamente, procurando uma acomodação natural, a fim de conseguir um completo relaxamento de todos os músculos.
- Procurar eliminar todo e qualquer uso de força muscular, principalmente do braço, antebraço e mão.
- A posição da mão no teclado deve ser normal e com os dedos ligeiramente curvos (como no andar).
- Os dedos curvados sobre o teclado e ligeiramente perpendiculares a eles, o polegar sempre em cima das teclas brancas.

Essas orientações devem ser rigorosamente observadas; a fim de que esses preceitos sejam cumpridos, tudo no início deverá ser executado com a maior calma possível, muito lentamente e com movimentos estudados. Esses movimentos são:

- passagem do polegar.
- queda dos dedos sobre as teclas.
- peso dos braços
- flexibilidade do pulso.
- apoio sobre o teclado
- etc.

O primeiro passo ao sentar-se para tocar é verificar se a altura do banco está correta. A altura certa do banco do piano é aquela que permite que o antebraço do músico fique alinhado com o teclado. O braço deve formar um ângulo de noventa graus em relação ao piano e o cotovelo na altura das teclas brancas e um pouco à frente do tronco. O antebraço fica em ângulo de pouco mais de noventa graus em relação ao braço. Deve-se sentar na beirada da banquetta, entre a metade e três quartos à frente, em uma distância em que o final do joelho fique na direção da beirada do piano, um pouco para dentro.

Agora, já sentado na banquetta, deve-se posicionar a mão no teclado usando a menor contração muscular possível. Mantenha o pulso completamente relaxado, até seu antebraço atingir a posição de pouco mais de noventa graus ao braço.

Tudo de início deverá ser realizado com o máximo cuidado, no sentido de conservar-se os músculos do braço sempre relaxados, soltos, a fim de que, com o tempo, conseguir-se o uso de uma sensação de peso, e não o uso de músculos rígidos e endurecido com emprego da força muscular.

A força realmente necessária para manter o antebraço nessa posição é mínima. Posicionando o cotovelo na altura das teclas, os músculos irão trabalhar naturalmente.

O conjunto braço, antebraço e mão ficam pendurados pelo ombro.

Quando sentado ao piano, o músico deve poder balançar perfeitamente seus braços e mãos sem tocar as teclas nem sentir absolutamente nenhuma tensão.

Os dedos devem naturalmente ser curvados, pois a posição correta da mão é a mais natural possível. Quando você relaxa o braço ao longo do corpo, sua mão fica quase na posição perfeita para tocar piano. Essa é a mesma posição que se usa no movimento de pinçar, como quando se segura um CD entre o polegar e os outros dedos. A parte dos dedos que entra em contato com as teclas é carnuda, mais dura, onde o osso termina, aquela junto às unhas dos dedos à cinco. Para que isso ocorra é necessário também manter sempre as unhas aparadas. O pulso não deve estar alto ou baixo demais. Quando ele é flexionado, os dedos se esticam involuntariamente.

A altura correta do pulso, portanto, é aquela que permite que o polegar fique paralelo à tecla, quando esta está abaixada.

O cotovelo só deve ser forçado a distanciar-se do corpo quando é necessário tocar nas regiões extremas do piano, e mesmo assim muito pouco, sem abrir os cotovelos. Fora isso ele permanece relaxado.

As contrações musculares para manter a posição básica da mão ao piano, portanto, são sempre relaxadas, sem nenhuma tensão.